

Göttingen, 4 de dezembro de 1914

Caro Professor,

Nesses tristes dias, sua carta contém ao menos um ponto que conforta o coração: ou seja, que nesse intervalo seu interesse por sua causa e pela causa de todos nós foi novamente criativamente empenhado, e que o longo período forçado de descanso trará benefícios a todos nós. Já será tarde e seus pensamentos estarão prontos para serem publicados, antes que qualquer deles chegue até mim. Quando li no *Jornal* de setembro a respeito de sua conferência sobre o narcisismo em abril para a Associação, pensei com impaciência que teria de esperar para lê-la no novo número do *Jahrbuch*. Desde que recebi a separata desta conferência e desde sua última carta, pela qual lhe sou muito grata, já lhe escrevi uma outra. Mas entrei em detalhes excessivos sobre a questão do narcisismo e finalmente ultrapassei os limites de uma carta. Percebi que seria demais esperar que o senhor a lesse. Em todo caso, mais tarde ela chegará até o senhor de uma maneira ou de outra, pois esse tema vem preocupando-me há muito tempo. Sem dúvida, esse meu interesse é subjetivamente motivado, como tudo o mais, mas espero apenas que isso não afete meu julgamento objetivo.

Num certo ponto, a minha carta trata tanto da sua quanto da minha atitude com relação ao sofrimento de nossa época e daquilo que o senhor chamou de meu otimismo, que agora parece tão tristemente naufragado. E no entanto, acredito que por trás das atividades humanas individuais e do território que pode ser alcançado através da psicanálise, existe um abismo em que os impulsos mais valorosos e mais desagradáveis condicionam-se inextricavelmente e tornam impossível qualquer julgamento final. Essa notável mistura é um fato válido não apenas para o estágio já ultrapassado do desenvolvimento primitivo (tanto da raça como do indivíduo): essa notável unidade é um fato sempre novo e válido para todo mundo — calculado para abater o arrogante, mas também para exaltar o de coração humilde. É verdade que isso não faz a menor diferença para a nossa aversão ou nosso deleite com relação a um tipo particular de conduta humana, e uma época como a presente pode conseqüentemente desferir um golpe mortal na alegria e na confiança. Não obstante, sabemos dentro de nós mesmos que só podemos continuar a viver com esta fé última e o mesmo deveria apli-

car-se aos outros. Deveria: mas é claro que não se aplica, não nestes dias. Apesar do fato de que deveria, se ao menos conseguíssemos ater-nos a este ponto — apenas isso já me ajuda um pouco.

Mas preciso terminar esta carta depressa. Do contrário, cairei no mesmo excesso de detalhes novamente.

Cordiais saudações,
Sua,
Lou Andreas

Como o *Jahrbuch* se tornou bom e interessante, incluindo as resenhas,³⁵ especialmente as de Ferenczi e de Rank. Excelentes, os artigos de Jones e de Abraham como complemento às suas duas contribuições.³⁶

(Göttingen) 10 de janeiro de 1915
Endereço de agora em diante:
Berlim-Charlottenburg
Suarezstrasse 22
(Klingenberg)

Caro Professor,

Esta carta provavelmente longa não pretende intrometer-se como uma desordeira em uma de suas horas de trabalho. Ficará muito satisfeita se deslizar para dentro de uma gaveta e aí permanecer, feliz. Além disso, não sei se ela conseguirá tornar claro o que desejo dizer sobre o seu ensaio sobre o *Narcisismo*, nem se foi pensada com suficiente clareza. De qualquer maneira, ela deseja chegar até o senhor. Ao menos parte dela, pois sua totalidade seria uma imposição excessiva. Na verdade, não importa por onde começar.

As páginas 3/4 de seu artigo resumem tudo o que eu sabia do conceito de narcisismo, tanto a partir do que o senhor dissera como do que escrevera sobre o assunto: 'Finalmente, com relação à diferenciação das energias físicas, somos levados à conclusão de que, para começar, durante o estado de narcisismo, elas coexistem, e de que nossa análise é demasiado grosseira para distingui-las; somente quando ocorre a catexia do objeto